



SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **6 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, terça-feira, 19 de julho de 2011

UOL NOTÍCIAS

Brasil só fica atrás da China em expansão de investimento em dívida americana 1
VEICULAÇÃO NACIONAL

G-1

Empresários brasileiros dizem que vão aumentar o valor dos produtos 3
VEICULAÇÃO NACIONAL

BRASIL ECONÔMICO-SP

Comércio com a China ajudou Brasil a sair mais cedo da crise de 2008 4
VEICULAÇÃO NACIONAL

BRASIL ECONÔMICO-SP

Novo plano do turismo tenta cumprir metas antigas 6
VEICULAÇÃO NACIONAL

BRASIL ECONÔMICO-SP

Balança comercial acumula superávit de US\$15,7 bilhões entre janeiro e julho 7
VEICULAÇÃO NACIONAL

PORTAL A CRÍTICA

Plano municipal de resíduos sólidos do Amazonas é implantado pela AAM 8
VEICULAÇÃO NACIONAL

	VEÍCULO UOL NOTÍCIAS	EDITORIA
	TÍTULO Brasil só fica atrás da China em expansão de investimento em dívida americana	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Dados do Tesouro americano divulgados nesta segunda-feira mostram que o Brasil foi o país que registrou o segundo maior aumento em aplicações em títulos do governo dos Estados Unidos no último ano, somente atrás da China.

O dado é divulgado em um momento em que cresce a tensão quanto ao risco de calote por parte dos Estados Unidos, caso o Congresso não chegue a um acordo para elevar o teto da dívida pública do país até o prazo de 2 de agosto.

Em maio, último dado disponível, o Brasil tinha US\$ 211,4 bilhões (cerca de R\$ 333 bilhões) aplicados em títulos do governo americano, valor que representa crescimento de 30,89% em um ano e mantém o Brasil como quinto maior credor externo dos Estados Unidos - atrás de China, Japão, Grã-Bretanha e um grupo de países exportadores de petróleo.

Entre os 10 principais credores, o Brasil foi o que registrou o segundo maior crescimento entre maio de 2010 e maio de 2011. No mesmo período, a China aumentou em 33,6% sua compra de papéis do governo americano, chegando a US\$ 1,16 trilhão, mais de um terço de suas reservas internacionais.

No caso do Brasil, o valor aplicado nesses títulos representa quase dois terços das reservas internacionais, de US\$ 340 bilhões.

O aumento das aplicações brasileiras em títulos do Tesouro americano vem acompanhando o crescimento das reservas do país. Em dezembro de 2004, com as reservas brasileiras em US\$ 50 bilhões, o país tinha um total de US\$ 15,2 bilhões em títulos da dívida americana. Em dezembro de 2007, quando as reservas já chegavam a US\$ 178 bilhões, as aplicações em títulos estavam em US\$ 129,9 bilhões.

Investimento seguro

Maio foi o segundo mês de aumento consecutivo no valor investido pelo Brasil em títulos do Tesouro americano. De março a abril, o montante já havia crescido de US\$ 193,5 bilhões para US\$ 206,9 bilhões.

A mesma tendência de crescimento foi registrada entre outros grandes credores, como a China, apesar de o governo americano ter anunciado em 16 de maio que os Estados Unidos haviam atingido o limite legal de endividamento público, de US\$ 14,3 trilhões, e que, caso esse teto não seja elevado até 2 de agosto, irão ultrapassar o limite e, pela primeira vez, poderá deixar de cumprir seus compromissos financeiros.

Segundo analistas, essa tendência pode indicar que, apesar das preocupações com um possível calote dos Estados Unidos - expressadas não apenas pelo governo mas também pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) e por agências de classificação de risco, em meio às dificuldades de um acordo entre democratas e republicanos no Congresso para elevar o teto da dívida -, os papéis do Tesouro americano ainda são considerados um investimento seguro.

"Os Estados Unidos não vão perder seu status de porto seguro por causa de uma ultrapassagem de curto prazo do teto da dívida", disse à BBC Brasil o economista Gregory Daco, da consultoria IHS Global Insight.

Risco

Assim como outros economistas, Daco aposta em um acordo antes de 2 de agosto, evitando que os Estados Unidos deixem de cumprir seus compromissos financeiros.

No entanto, o impasse no Congresso já levou as principais agências de classificação de risco a alertarem sobre a possibilidade de rebaixamento da nota dada aos Estados Unidos (atualmente é "AAA", a mais alta existente), atestado de que um país tem grande capacidade de cumprir seus compromissos financeiros.

A Standard & Poor's e a Moody's já haviam colocado a nota dos Estados Unidos em revisão, com risco de rebaixamento caso o Congresso não autorize o aumento do teto da dívida. Nesta segunda-feira foi a vez da agência Fitch avisar que, "na hipótese pouco provável de o teto não ser elevado antes de 2 de agosto", colocará a classificação do país em observação negativa.

Diante dessa movimentação toda, a China já se manifestou na semana passada, dizendo esperar que o

governo americano adote "políticas responsáveis" para garantir o interesse dos credores.

Segundo o economista da IHS, mesmo que o teto da dívida não seja elevado a tempo e a classificação dos Estados Unidos realmente seja rebaixada, é difícil calcular o efeito entre os credores, apesar do impacto "muito negativo" na economia americana.

"Os investidores teriam de encontrar alternativas para aplicar seu dinheiro", diz Daco. "No caso do Brasil, quinto maior credor, não acredito que iria simplesmente retirar suas aplicações nos títulos do Tesouro de uma hora para outra." "Uma solução seria reorientar esses investimentos para ativos mais seguros. Eu poderia citar investimento em ouro ou em títulos de outros países, como a Alemanha", diz o analista.

No entanto, em um momento em que países europeus enfrentam uma crise de dívida e de credibilidade, muitos deles com seus ratings já rebaixados ou sob ameaça, torna-se mais difícil encontrar alternativas.

Crescimento

O analista da IHS diz acreditar que, na hipótese "improvável" de o teto da dívida não ser elevado até 2 de agosto, isso seria feito imediatamente depois, resolvendo o problema no curto prazo.

E mesmo em meio às dúvidas e ao impasse no Congresso, Daco diz apostar que os investimentos em títulos do Tesouro americano vão continuar a registrar crescimento quando forem computados os dados de junho. "Em julho, vamos ver o que acontece. Mas minha tendência é dizer que não deve haver grande mudança."

Segundo o economista, o ritmo lento da recuperação da economia americana após a crise mundial, aliado às recentes tensões em países do Oriente Médio e do norte da África e à crise de dívida na Grécia e em outras economias europeias, contribuíram para uma atmosfera de incerteza no **mercado** financeiro. E em períodos assim, diz Daco, títulos do Tesouro são considerados a alternativa mais segura.

"Isso tudo levou os investidores a buscarem segurança nos títulos do Tesouro americano", afirma o analista.

"Neste momento, os investidores não estão preocupados com o teto da dívida. Eles estão mais preocupados com o crescimento (da economia americana)", diz.

	VEÍCULO G-1	EDITORIA	
	TÍTULO Empresários brasileiros dizem que vão aumentar o valor dos produtos		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

De cada dez empresários brasileiros, quatro disseram que devem aumentar os preços dos seus produtos ainda este ano. Pesquisa foi realizada com 11 mil empresas em 39 países.

Uma pesquisa mostrou que 40% dos empresários brasileiros pretendem aumentar os preços este ano. Um desafio a mais no combate a inflação.

Uma pesquisa com 11 mil empresas em 39 países revelou um dado bem amargo: de cada dez empresários brasileiros, quatro disseram que devem aumentar os preços dos seus produtos ainda este ano 11% a mais do que no mesmo estudo feito em 2010.

O número também é mais alto do que a média global, que foi de 29%. O diretor da Associação Brasileira dos Lojistas de Shopping, Luiz Augusto Idelfonso da Silva, admite que os preços já começaram a subir.

Agora, alguns segmentos estão tendo mudanças para mais um pouquinho de insumos mais caros, taxa de juros mais caras, selic mais cara e como o financiamento é um componente forte na venda no Brasil, isso traz aumento de preços.

O economista da Tendências Consultoria, Silvio Campos Neto, lembra que a alta de preços traz um desafio ainda maior para o governo. O combate à inflação fica claramente mais difícil após a rodada de reajustes salariais e repasse aos preços de modo que coloca ao governo um desafio maior de manter a inflação sob controle.

O estudo mostrou também o impacto do câmbio. Com o real valorizado frente ao **dólar**, os produtos fabricados no **Brasil** ficam mais caros lá fora. É por isso que, segundo a pesquisa, os empresários brasileiros estão mais pessimistas, eles acham que as **exportações** vão crescer menos que o esperado este ano.

Boa parte da perda de competitividade do produto brasileiro se deve ao câmbio, mas há todo problema de excesso de custos que o setor produtivo se defronta no Brasil. É um ambiente de negócios que não favorecem ganhos de competitividade ao produtor nacional, alerta Silvio.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO Comércio com a China ajudou <u>Brasil</u> a sair mais cedo da crise de 2008		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Para o executivo, as exportações brasileiras de commodities ao mercado asiático, como minério e insumos básicos, geraram ganhos. Ele defende ainda que o país proteja e valorize o real, como a China faz com a sua moeda

Elaine Cotta

Os empresários brasileiros deveriam ver a China como parceira e não como concorrente.

Essa é a visão do presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil China, Charles Tang.

Chinês de nascença e brasileiro de coração - como ele mesmo se define (ele é casado com uma brasileira) - Tang recebeu o Brasil ECONÔMICO na semana passada, dois dias após desembarcar do país asiático, para onde viaja pelo menos cinco vezes por ano para intermediar negócios entre empresas brasileiras e chinesas. "Foi a China que ajudou o Brasil a sair mais cedo da crise", diz, referindo-se aos ganhos com exportações de commodities e minérios, insumos básicos bem diferentes dos produtos acabados desembarcados por aqui pelas empresas chinesas.

"O Brasil deveria ter uma política cambial favorável ao país, como a China faz", afirma, defendendo o modelo que vem sendo criticado há anos pelo mercado internacional.

"O Brasil precisa abandonar o modelo econômico da pobreza e ter um modelo da riqueza, como o chinês", afirma. Como?

Permitindo que estrangeiros comprem terras no país e convencendo os usineiros a fechar mais parcerias com empresas chinesas, defende Tang, lembrando que produzir etanol não interessa a eles. "Queremos agregar valor e desenvolver projetos de biotecnologia usando a cana como insumo." A seguir, a entrevista.

O que o sr. acha da posição de empresários brasileiros e de alguns setores do governo que encaram a China como concorrente e não como parceira comercial?

O Brasil foi o país que mais se beneficiou do crescimento chinês dos últimos anos. Foi a China que ajudou o Brasil a sair mais cedo da crise financeira de 2008. Isso

mostra que temos que continuar essa parceria entre Brasil e China. Mas entramos numa encruzilhada.

Como assim?

O Brasil nunca esteve tão bem.

Pagou a dívida com o FMI, ampliou as reservas internacionais e recuperou a auto-estima. Agora, se não aproveitar o momento, pode voltar ao que era antes.

Como evitar isso?

O Brasil tem que usar o dinheiro obtido com as exportações de commodities para fortalecer a indústria nacional, para torná-la competitiva.

Para muitas empresas, é a concorrência com a China que afeta a competitividade brasileira...

Não vamos ganhar competitividade com salvaguardas contra a China e sim com parcerias. Os empresários brasileiros que enxergam longe veem a China como oportunidade e não como ameaça. Além disso, o Brasil deveria ter política cambial favorável ao país, como a China faz.

Mas a política cambial chinesa é alvo de várias críticas...

Os EUA pressionam a China por causa do câmbio, mas o dólar está desvalorizado há bastante tempo, beneficiando as exportações americanas, e eles não fazem nada a respeito.

A China está preocupada com a crise dos títulos americanos?

Isso pode afetar o desempenho econômico chinês?

Não vejo a China desacelerando tão cedo. A China não deve crescer menos do que 9% neste ano, apesar dos esforços do governo para desacelerar a economia e ter expansão de 7%. O fato é que a China tem um modelo econômico de riqueza, enquanto nós (no Brasil) temos o modelo econômico da pobreza: juro alto, custo-Brasil, câmbio valorizado e muita burocracia.

Há risco de nova crise nos EUA?

Isso pode acabar com o cheque em branco que os Estados Unidos sempre tiveram. A tendência para o futuro é que haja uma contração no estilo de vida do americano e o

próximo presidente americano terá de lidar com isso. Há uma contração do emprego e da economia e os Estados Unidos estão controlando sua moeda e colocam a culpa disso na China.

E a inflação, a China vai conseguir contê-la?

A China tem adotado medidas clássicas: elevou os juros, adotou medidas para esfriar o mercado imobiliário e o crédito.

Os chineses ainda estão interessados em investir no Trem de Alta Velocidade (TAV) brasileiro?

O trem-bala chinês até hoje não dá lucro.

Se o governo brasileiro tirar os riscos para os empresários, o TAV sai do papel. Dentro do Departamento de Transportes do governo chinês há uma unidade só para cuidar do TAV brasileiro. A China Railway, por exemplo, está disposta a financiar até 85% do projeto e se associar com brasileiros.

Os trem-balas da China não são lucrativos, mas o governo os subsidia porque é necessário. A China cresce o que cresce porque tem infraestrutura para isso. E é a falta de infraestrutura que impede o Brasil de crescer aceleradamente.

E em projeto de etanol, a China pretende investir?

O Brasil não tem como exportar etanol. Quando se fala em fonte renovável, a China olha para energia solar, carro elétrico e eólica.

Não temos condição de produzir etanol e não vamos investir para depender dele. O que tentamos é convencer os usineiros brasileiros se associarem com a China para produzir biotecnologia a partir da cana.

Que tipo de produto?

Queremos investir na produção de ácido cítrico para atender a indústria de alimentos. Hoje, a China é o maior

produtor mundial desse produto. Além disso, metade do bagaço de cana no Brasil é usado para cogeração de energia. A China quer fazer celulose a partir do bagaço de cana e vendê-lo para a própria China.

Nessa área, também temos tecnologia para produzir energia a partir de lixo. Dá para montar uma termelétrica usando essa fonte de recurso. A China tem muito interesse em investir nessa área aqui no Brasil.

"Não vamos ganhar competitividade com salvaguardas contra a China, e sim com parcerias.

Os empresários brasileiros que enxergam longe veem a China como oportunidade, e não como ameaça"

A China tem investido na África e alguns críticos falam até em colonização

A China investe na África para garantir abastecimento de minérios e de alimentos. Se é colonização, é uma colonização benéfica.

Diferente da colonização feita pelos europeus.

E o que impede a China de investir mais no Brasil? A restrição de venda de terras para estrangeiros impediu o Brasil de receber bilhões em investimentos que geram riqueza e que podem trazer receita com exportação.

Essa restrição é uma bobagem.

A terra está no Brasil, o estrangeiro que comprar um terreno aqui não vai colocá-lo no avião e levar embora...

"A restrição de venda de terras para estrangeiros impediu o Brasil de receber bilhões em investimentos que geram riqueza e que podem trazer receita com exportação"

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO Novo plano do turismo tenta cumprir metas antigas		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Documento será lançado em agosto e vai detalhar políticas públicas para reverter déficit

Mariana Celle, Pedro Venceslau e Regiane de Oliveira

O **Governo Federal** lança no começo de agosto o terceiro Plano Nacional de Turismo (PNT), com vigência 2011-2014. Só que desta vez, ao contrário das edições anteriores, o PNT não vai contar com grandes metas. O foco serão ações para tentar tirar do papel o que foi prometido nas edições anteriores, como criar condições para gerar 1,7 milhão de novos empregos e ocupações, promover a realização de 217 milhões de viagens no **mercado** interno, qualificar 65 municípios para o **mercado** internacional e gerar US\$ 7,7 bilhões em divisas com o turismo, revertendo o déficit da balança comercial do segmento.

Segundo dados do Banco Central, o brasileiro gastou no exterior, em 2010, US\$ 16,4 bilhões, um aumento de 50,7% sobre os US\$ 10,9 bilhões de 2009. Em contrapartida, os estrangeiros deixaram no país US\$ 5,9 bilhões, alta de 11,6%, ante US\$ 5,2 do ano anterior. Tivemos avanços, mas aquém dos ambiciosos planos do turismo.

De janeiro a maio deste ano, os brasileiros gastaram US\$ 8,3 bilhões, 45,5% a mais que no mesmo período do ano anterior. Os visitantes deixaram US\$ 2,9 bilhões, uma alta de 14,4% em relação aos quatro primeiros meses de 2010.

Isto mostra que o país sofre com a fuga de turistas, não só do estrangeiros - ainda muito afetados pelos reflexos da crise financeira de 2008 -, como também dos próprios brasileiros, que aproveitam o real valorizado para gastar no exterior. Neste cenário, saem ganhando os tradicionais destinos preferidos dos brasileiros: Estados Unidos, Argentina, França, Portugal e Itália.

Além de outros países, que intensificam ações para atrair o turista brasileiro. Ao mesmo tempo, fica mais difícil

promover o **Brasil** aos olhos dos turistas estrangeiros. "O país é considerado um destino caro e distante dos grandes centros", diz Carlos Alberto Ferreira, presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens.

Difíceis também são as outras metas do plano, como a criação de 1,7 milhão de novos postos de trabalho no setor. Segundo estatísticas divulgadas no site do próprio **Ministério**, entre 2002 e 2008, foram abertos apenas 560 mil postos. O número de viagens internas também não foi cumprido. A meta era realizar 217 milhões de viagens pelo país até 2010. Segundo dados do **Ministério**, entre 2009 e 2010, ocorreram 49 milhões de desembarques nacionais nos aeroportos brasileiros, número considerado pequeno mesmo considerando que há outras formas de se viajar pelo país.

Ao menos um projeto, parece ter atingido suas metas: a qualificação de 65 municípios como destinos internacionais. Dentro do projeto, realizado pelo **Ministério** do Turismo, em parceria com a Fundação Getulio Vargas e o Sebrae, sob a gestão do Instituto Marca Brasil, 61 dos 65 municípios elaboraram o plano de ação para aumentar a competitividade local. Mas as companhias do segmento querem mais.

"Não queremos um plano que fique só no discurso retórico, por isso o próximo PNT tem como objetivo imprimir políticas públicas que ajudem no cumprimento dessas metas", afirma Maurício Bernardino, representante da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH-Nacional) no Conselho Nacional de Turismo, que conta com a participação de 65 entidades, e que aguarda agosto para saber se essas políticas foram finalmente incluídas no documento.



VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
TÍTULO Balança comercial acumula superávit de US\$15,7 bilhões entre janeiro e julho		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

COMÉRCIO EXTERIOR

A balança comercial brasileira acumula superávit de US\$ 15,717 bilhões entre janeiro e a terceira semana de julho. O resultado é 70,4% maior que o verificado no mesmo período do ano passado.

Já a corrente de **comércio** dos 135 dias úteis do ano soma US\$ 245,489 bilhões. No ano, as **exportações** alcançaram US\$ 130,603 bilhões e as **importações** US\$ 114,886 bilhões.

	VEÍCULO PORTAL A CRÍTICA	EDITORIA	
	TÍTULO Plano municipal de resíduos sólidos do Amazonas é implantado pela AAM		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

O programa vai implantar a gestão do saneamento básico nos municípios amazonenses por intermédio da elaboração e implementação do Plano de Resíduos Sólidos (PMIGRS) e do Plano de Saneamento Básico (PMSB)

acritica.com

A Associação Amazonense de Municípios (AAM) realizou nesta segunda-feira (18), no auditório Belarmino Lins, da Assembleia Legislativa do **Amazonas** (ALEAM), um seminário sobre a criação do Plano Municipal de Resíduos Sólidos do **Amazonas** (Plamsan), fruto de parceria da entidade com o Governo do Estado por intermédio da Secretaria Estadual de **Desenvolvimento** Sustentável (SDS).

De acordo com o presidente da AAM, Jair Souto, o programa de apoio a elaboração dos planos municipais de saneamento básico e de gestão integrada de resíduos sólidos dos municípios têm como objetivo desenvolver ações voltadas à qualificação de recursos humanos e assessoramento técnico aos municípios.

“Ele é de extrema importância, porque nos próximos 30 anos vamos estabelecer como dar solução à questão do saneamento nos aspectos da drenagens, águas pluviais, água potável, esgotamento sanitário e resíduos sólidos, pois há uma exigência do **Governo Federal** para que, até agosto de 2012, já tenhamos essa política desenvolvida”, disse Jair Souto.

O programa vai implantar a gestão do saneamento básico nos municípios amazonenses por intermédio da elaboração e implementação do Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMIGRS) e do Plano Municipal de Saneamento Básico (PMSB).

Segundo Souto, o Plamsan é uma iniciativa pioneira no País que viabilizará a elaboração simultânea dos planos de saneamento e de gestão integrada dos resíduos sólidos de 61 municípios amazonenses. “O projeto foi concebido a partir de

uma estratégia de cooperação e integração entre técnicos municipais vinculados à AAM”, afirmou o presidente da AAM.

O Plamsan, segundo Souto, terá como característica principal o fortalecimento institucional, através da qualificação técnica dos recursos humanos municipais e do **desenvolvimento** de novas práticas de gestão voltadas ao aprimoramento e melhoria dos serviços públicos. “O Programa atenderá 61 municípios, que serão agrupados em nove núcleos regionais com o apoio de 244 técnicos municipais diretamente capacitados havendo ainda, ampla participação da população”, disse.

Os principais benefícios do programa estão na redução dos custos para elaboração do plano municipal de saneamento básico, real transferência de conhecimento para os técnicos municipais e o plano municipal de saneamento elaborado de acordo com as exigências técnicas e legais, que serão realizados em 12 meses de trabalho de campo que vão de agosto/2011 a Julho/2012.

A reunião contou com as presenças da senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB) e dos deputados estaduais Luis Castro (PPS), Marcelo Ramos (PSB), Marco Antonio “Chico Preto” (PMDB) e David Almeida (PMN).

Além disso, compareceram Alexandre Araújo (**Ministério** das Cidades), Saburu Takahashi (**Ministério** do Meio Ambiente), Gilmar Dominici (Secretaria de Articulação Federativa), Mauro Veras Bezerra (Promotor de Justiça) e Moacir Luiz Rangel (Confederação Nacional dos Municípios).